

# BIOÉTICA É AMOR DA VIDA

LUÍS ARCHER\*

12/12/2008

O Director do *Eubios Ethics Institute* e Professor da Universidade de Tsukuba (Japão), Darryl R. J. Macer, teve a gentileza de me oferecer pessoalmente uma das suas obras – um livro de texto sobre bioética com este título original: “*Bioethics is Love of Life*”<sup>1</sup>.

Sim, bioética ensina a amar a vida, a vida toda, a nossa e a dos outros, a dos sãos e a dos deficientes, a que nos é agradável e a que nos impõe sacrifícios, toda a vida humana, assim como a vida animal, vegetal ou microbiana.

A bioética é, de facto, amor da vida: no objecto de onde parte, no questionamento que lhe põe, na abordagem que escolhe, na metodologia que emprega e no futuro que nos deixa antever.

## ***1. No objecto de onde parte.***

A bioética toma como objecto primário a ciência do séc. XXI – a nova biologia, incluindo engenharias genéticas, células estaminais, melhoramento de genes humanos, psicocirurgia, neuroética, clonagens e todos os incontáveis progressos através dos quais o homem pretende não só conhecer-se melhor mas sobretudo elevar o seu nível de vida.

Não menos importantes são as questões decisivas da biologia do ambiente. Com estas últimas, está em jogo a própria sobrevivência da nossa espécie neste planeta.

Em resumo queremos, com ajuda da bioética, garantir tanto a qualidade como a perenidade da vida que amamos.

## ***2. No questionamento que lhe faz.***

O que a bioética questiona são as consequências das aplicações científicas, exigindo-lhe uma autocrítica ética. E esta exigência é reforçada pela consciência tardia de que a física nuclear não teve uma físico-ética e matou milhares. A

---

\* Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.

<sup>1</sup> Macer, Darryl R. J., *Bioethics is Love of Life: An Alternative Textbook*, Eubios Ethics Institute, P. O. Box 125, Tsukubagakuen, Ibaraki 305, Japan. ISBN 0-908897-13-8, 1998.

tecnobiologia precisa de uma bioética, na esperança de não vir a ter uma Hiroshima.

O que se questiona é o império totalitário e destrutivo de um tecnicismo desumano – a que Gilbert Hottois chamaria o tecnocosmos, do interior do qual arranca o grito desesperado de um novo humanismo. Questiona-se o acerto do “pós-humanismo” ou “transumanismo” de Nick Bostrom, David Pearce ou Francis Fukuyama, na pretensão de criar uma nova espécie humana, privando o homem da sua natureza logo-axiológica e encerrando a era da cultura.

Nas difíceis tramas deste questionamento, o que a bioética pretende é manter a vida humana como digna de ser amada.

### ***3. Na abordagem que escolhe***

A bioética usa uma abordagem que responde aos anseios de liberdade, de integração nos interesses do estado, de globalização e internacionalismo.

Antes de tudo, de liberdade. A história das civilizações mostra que um feliz direito se foi progressivamente impondo e depurando nas sociedades – o direito à liberdade ética.

Distinta da liberdade social ou política (que se opõe à coacção) e da liberdade de escolha (que se opõe ao determinismo), a liberdade ética exerce-se, não em fazer o que apetece, mas no direito da pessoa humana à sua auto-realização em autoperfeição. Realizar-se segundo o modelo para que se foi, natural ou voluntariamente, programado. Lembra a liberdade do sábio, segundo Espinosa, ou, na perspectiva cristã, a liberdade do santo. Bioética é luta por essa liberdade.

O seu cumprimento permite levar a ciência e as suas aplicações à plenitude do seu objectivo – o serviço do homem todo e de todos os homens. Bioética torna-se luta pelo feliz progresso da ciência, do homem e da sociedade. *Bioethics is love of life.*

### ***4. Na metodologia que emprega.***

A bioética funciona de uma forma trans-disciplinar, democrática e independente.

Trans-disciplinar significa que a discussão e aprendizagem conjunta que se exercita deve chegar ao ponto em que os cientistas verdadeiramente integrem na sua mente a lógica humanista (filosófica, teológica, social, jurídica, política) e os humanistas incluam no seu pensamento a racionalidade científica. A transdisciplinaridade origina a fecundidade que provém da hibridação de uma variedade de áreas do pensamento e da técnica, da ciência e da religião, do

humanismo e da tecnociência, tornando-a o opositor frontal tanto de um cientismo exclusivamente tecnicista como de um puro filosofismo.

É democrática. Pretende a participação de todos nas suas discussões. Não é um saber dogmático ou impositivo. Esta democraticidade quebra a perigosa torre de marfim do cientista, abre ao grande público o amor diversificado à vida e exige um elevado nível cultural e educativo da população, o que é a base e o primeiro pressuposto de uma sociedade evoluída.

A bioética é também uma actividade independente, como se pode particularmente documentar ao perspectivar o seu futuro.

### ***5. No futuro que nos deixa antever***

A bioética mora na delicada articulação da tecnociência com o humanismo. Mas muitas das consequências práticas dessa articulação vão sendo progressivamente reconhecidas pela sociedade como de tal modo vitais e decisivas para o bem comum e para a salvaguarda dos seus direitos fundamentais, que já não basta a académica enunciação de avaliações éticas. A sociedade começa a exigir, para lá da bioética, a protecção normativa do direito e as decisões políticas dos governantes. É o biodireito e a biopolítica.

Para além dos oráculos da bioética – a profetisa do bem, criam-se estruturas e diplomas que regulam a convivência humana face ao tecnocosmos, fazem-se opções de política legislativa, desenvolve-se uma biopolítica em que os governantes promovem ou proíbem aplicações tecnológicas que constroem ou destroem o feliz progresso da sociedade.

Biodireito e biopolítica serão, sem dúvida, saberes cada vez mais desenvolvidos. Mas não em substituição ou como evolução da bioética. Ambos se nutrem dela e nela se inspiram, mas a bioética continua independente e alheia aos poderes que corrompem os homens.

Se a bioética ficasse dependente, nas suas posições, do direito, da política, ou de factores económicos, religiosos ou outros, perderia toda a sua força. Deixaria de ser o que é. E deixaria de dar o vigor indispensável ao progresso científico.

A bioética brilha em nós como a luz de uma consciência da humanidade, ou seja, como o património mundial de uma valoração ética da vida, para que a nossa espécie parece estar geneticamente preparada. O célebre caso do Phineas Gage, longamente referido por António Damásio e João Lobo Antunes, deficiente na sua racionalidade e no seu juízo ético desde que um acidente lhe destruiu a porção mais anterior dos lobos frontais, assim como outros casos similares, parecem constituir uma indicação nesse sentido.

A bioética é uma busca de felicidade na vida humana. Pairando acima de construções racionais, vai percorrendo todos os caminhos novos da tecnologia em solidariedade existencial com os recantos do universo e solidariedade ontológica com outros seres humanos, na busca dessa luz, que António Damásio tão admiravelmente descreve, e brilha na consciência colectiva da humanidade.

E no firmamento negro e opaco do tecnocosmos deste nosso mundo inseguro, em que por vezes se discute um eventual direito nosso a não existir, a bioética é um rastro de luz a apontar a vida como valendo a pena ser vivida e amada. Bioética é amor da vida. *Bioethics is love of life.*